

Boa Nova para cada dia / julho 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – S. Tomé, Apóstolo / S. Bento / Santa Brígida / S. Tiago, Apóstolo

Dom, 1 – Domingo XIII do Tempo Comum – Ano B

Sab 1, 13-15; 2, 23-24 / Slm 29 (30), 2-6.11-12a.13b / 2 Cor 8, 7. 9.13-15 / Mc 5, 21-43

O que é a fé? O que significa, no concreto da nossa vida, dizer que somos pessoas de fé? Que significado tem? O Evangelho deste domingo mostra-nos que ter fé é «tocar» em Jesus, isto é, estar em comunhão com Ele, que nos salva da morte e nos guia para a Vida. Palavras bonitas, mas como se faz para estar em comunhão com Ele? Como se faz para Lhe tocar?

A mulher e a menina que o Evangelho nos apresenta são imagem de nós mesmos: a primeira, há doze anos que tem um fluxo de sangue, e a segunda, falta-lhe a vida. Para a mentalidade hebraica, o sangue é a vida, por isso a mulher está há doze anos, isto é, desde sempre, a *perder vida*. Tal como ela, também nós podemos andar a perder vida se estamos longe do Senhor. Por isso, a nossa questão não é tanto como fazemos para «tocar» no Senhor, mas an-

tes que, se não Lhe tocamos, estamos mortos, andamos a perder a vida, porque é Ele a nossa vida. É para nós vital estar em comunhão com o Senhor! A menina de doze anos, por outro lado, mostra-nos simbolicamente o que é uma vida sem o «toque» do Amor: *é a morte*. Podemos até estar biologicamente vivos, podemos até trabalhar, descansar e passear, mas sem o Amor não temos em nós a Vida. Estamos mortos e nem sabemos.

A mulher mostra-nos como é que a fé se comporta: ela constata em si um mal do qual não tem capacidade para se libertar. Este é o primeiro passo da fé: tomar consciência que há coisas em nós que não estão bem e que não temos a capacidade para nos libertarmos. Esta consciência leva-nos ao segundo passo, que parte da escuta da Palavra do Senhor e nos faz passar da falta de esperança à confiança

n'Ele. Esta confiança é que nos leva a tocar e a sermos tocados pelo Senhor. «Tocar» supõe *proximidade e reciprocidade*. Procurando tocar o Senhor, ela é tocada. Também nós, na medida em que procuramos tocar o Senhor, na medida em que nos predispomos a procurá-Lo na nossa vida, abrimos o coração à possibilidade de sermos tocados por Ele. Jairo mostra-nos que a fé é maior do que o medo e que aquela consiste na confiança de que Ele vence e morde. A filha de Jairo revela-nos a eficácia da fé: esta mostra-nos que o Amor vence sempre a Morte.

Nós, os discípulos do Senhor, somos como esta mulher que quer encontrar o Senhor na sua vida. Ela

faz tudo o que está ao seu alcance para ver o Senhor, para Lhe tocar. Ela poderia ter desistido porque bem sabia que não poderia tocar no Senhor: para além da sua doença, que era impedimento a ser tocada ou a tocar quem quer que fosse (a sua doença tornava ritualmente impuro todo aquele que nela tocas-se), havia ainda a multidão à volta de Jesus, mas ela não desistiu do pouco que podia fazer. Aquele pouco era o seu «tudo», e nada mais nos é pedido: que façamos o nosso «tudo» para *tocar* no Senhor.

Nós somos como a menina morta: salvos e trazidos à vida pelo Amor: é o «toque» de Jesus que a salva; é sermos tocados por Ele que nos salva.

Seg, 2 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

Am 2, 6-10.13-16 / Slm 49 (50), 16bc-23 / Mt 8, 18-22

O filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. (Evang.)

Jesus não tem uma casa para descansar ou para Se proteger. Anda exposto exteriormente porque a sua proteção é interior, a sua «casa» é o Pai. Nós, muitas vezes, temos de levantar as proteções aos medos que nos impedem de construir o Reino: os medos dos embates com outros. Mas só conseguiremos levantar estas barreiras quando nos sentirmos protegidos por Alguém. Daí que tenhamos de cultivar a relação com esse Alguém. O leitor veja como é que tem andado a sua relação com Deus.

Ter, 3 – S. TOMÉ, APÓSTOLO (Festa)

Ef 2, 19-22 / Slm 116 (117), 1.2 / Jo 20, 24-29

Põe aqui o teu dedo. (Evang.)

Jesus adaptou-Se às exigências de Tomé para que ele recuperasse a fé. Jesus devia ter uma grande amizade por Tomé. Ralha-lhe de uma maneira muito carinhosa. Jesus tem muito carinho por nós. Adapta-Se exatamente às características da nossa falta de fé. Tem a melhor das empatias. Está dentro de nós. Aproveitemos isso. Hoje esforçemo-nos por subir mais um degrau na nossa fé. Peçamos a Deus o dom de MAIS fé, a graça de uma fé (ainda) maior. (Se calhar até sabemos de uma área em que precisamos de mais fé...)

Qua, 4 – SANTA ISABEL DE PORTUGAL (Memória)

Am 5, 14-15.21-24 / Slm 49 (50), 7-13.16bc-17 / Mt 8, 28-34

Manda-nos para a vara de porcos. (Evang.)

Que tens que ver connosco, Filho de Deus? Isto diziam os demónios, querendo significar que Jesus não tinha nada a ver com eles. Mas nós podemos perguntar o mesmo a Jesus de uma maneira positiva: em que é que Tu, Jesus, tens a ver comigo? O leitor pergunte-se: «em que é que eu sou boa pessoa?» (Em que é que eu faço bem ao próximo?) A lista pode parecer muito grande, mas o leitor veja em que é que fez bem ao próximo ontem. Exclua a sua família. Hoje reze por essas pessoas.

Qui, 5 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

Am 7, 10-17 / Slm 18 B (19 B), 8-11 / Mt 9, 1-8

Filho, tem confiança... os teus pecados estão perdoados. (Evang.)

Sim, os nossos pecados estão sempre perdoados desde que nos arrependamos. Mas que fazemos nós para progredir? Que faz o leitor para pecar cada vez menos nesta ou naquela área? Por exemplo, as perguntas do seu exame de consciência são sempre as mesmas? Tem, na sua vida, alguma meta para ser este mês melhor do que no mês

passado, este ano melhor do que no ano passado? O leitor lembre-se que pessoa que não anda adoce. O leitor reze sobre isto.

Sex, 6 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

1ª SEXTA-FEIRA

Am 8, 4-6.9-12 / Slm 118 (119), 2.10.20.30.40.131 / Mt 9, 9-13

Prefiro a misericórdia ao sacrifício. (Evang.)

Jesus referia-Se ao sacrifício no templo. Hoje em dia também temos rituais sagrados. Se nós os vivermos, em vez de «apenas estarmos presentes», ficamos contagiados pelo amor de Deus. E assim deixaremos que os ritos sagrados cumpram a sua função. Assim não seremos culpados daquilo que algumas pessoas de fora dizem: «passam a vida na igreja e são tão más pessoas». Quem vai à igreja deve merecer a confiança dos seus irmãos de fora da Igreja. O leitor merece?

Sáb, 7 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

1º SÁBADO

Am 9, 11-15 / Slm 84 (85), 9.11-14 / Mt 9, 14-17

... o esposo lhes será tirado; nesses dias jejuarão. (Evang.)

O jejum a que os discípulos de João se referem era um jejum que se fazia para se simbolizar que era de Deus que se esperava tudo. Hoje em dia, em que Jesus nos foi arrebatado, voltamos a jejuar. Para obedecer a uma regra da Igreja. Mas com que sentido? Este sentido inicial, judaico, é um sentido bonito: lembrarmo-nos sempre que o material é secundário em relação a Deus. Voltemos a dar sentido ao nosso jejum. O leitor medite nesta intenção.

Dom, 8 – Domingo XIV do Tempo Comum – Ano B

Ez 2, 2-5 / Slm 122 (123), 1-4 / 2 Cor 12, 7-10 / Mc 6, 1-6

«[Jesus] estava admirado com a falta de fé daquela gente». Assim termina o Evangelho deste domingo, com esta constatação da falta de fé dos habitantes da terra de Jesus. «Como é possível que Deus nos fale através *deste* homem?», perguntavam-se os seus conterrâneos. «Quem acha Ele que é para estar aqui a querer ensinar-nos?», diziam aqueles que O conheciam.

Às vezes pensamos: «que sorte tiveram as pessoas que conheceram Jesus de Nazaré. Se também eu O tivesse conhecido teria mais fé». Nada de mais falso! Os seus conterrâneos rejeitaram-No precisamente porque *achavam que O conheciam*. Como é para nós fácil fazer juízos sobre os outros com base naquilo que pensamos conhecer acerca deles. Foram os preconceitos que impediram estas pessoas de O reconhecerem. Foram os preconceitos que impediram que nelas a fé crescesse. Acham que sabem tudo sobre Jesus, mas o conhecimento *segundo a carne* não nos leva a lado nenhum. Podemos até saber muitas coisas acerca de alguém, podem até ser objetivamente verdadeiras e, mesmo assim, não conhecemos a pessoa. Para a conhecermos realmente precisamos de a ver para lá daquilo que os nossos olhos e os nossos ouvidos nos revelam. É

imprescindível reconhecê-lo no Espírito, que é Amor, para podermos ver o outro tal como é verdadeiramente. Não há nada de mais mentiroso do que dizer de alguém: «Este é assim, já o conheço. Não se pode confiar». Quando assim pensamos, verifica-se que ainda não conseguimos ver nem os outros nem nós próprios para além do olhar. Só com o Amor se vê a verdade, porque Deus é amor.

Como é difícil aceitar que o nosso Deus Se manifeste através da *banalidade* de uma pessoa comum, um filho de um carpinteiro... Com Jesus, somos colocados diante do escândalo de Deus que Se faz carne da nossa carne, que Se faz verdadeiramente um de nós, assumindo a nossa natureza e não escolhendo para Si nenhum privilégio material. Ficamos realmente muito felizes por sabermos que Deus nos chama a sermos cada vez mais como Ele, mas custa-nos aceitar um Deus que partilha a nossa realidade, a nossa banalidade quotidiana.

A fé não é simplesmente aceitar que Jesus é Deus (o Deus que pensamos nós e depois projetamos n'Ele), mas antes aceitar, acreditar, confiar que Deus é este homem Jesus. O Deus onipotente faz-Se um de nós na impotência de um amor fei-

to carne, frágil, crucificado, quotidianamente banal, fiel e «ferial». Jesus é sinal de contradição, o filho do

carpinteiro que acabará derrotado, preso numa cruz, é sinal do poder e da sabedoria de Deus.

Seg, 9 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Os 2, 16.17b-18.21-22 / Slm 144 (145), 2-9 / Mt 9, 18-26

Vem impor a mão sobre ela. (Evang.)

Todos nós temos situações sobre as quais Jesus tem de impor a mão. Por exemplo, hoje vejamos isto: uns são mais de sair, outros mais de ficar agarrados ao sofá, ou a uma secretária. O leitor veja como é e em que é que isso o aproxima ou afasta de Deus? Em que é que isso o aproxima ou afasta do outro? Em que é que isso o aproxima ou afasta de si? O leitor hoje medite nisto: em que é que esta sua tendência natural influencia estes aspetos que eu acabei de delinear. (Talvez não dê para fazer em cinco minutos...)

Ter, 10 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Os 8, 4-7.11-13 / Slm 113 B (115), 3-7ab.8-10 / Mt 9, 32-38

A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. (Evang.)

Eu acho que é tempo de começarmos (?) a rezar aos primeiros cristãos. Que era aquele punhado de homens perante a imensidade do Império Romano? E no entanto mudaram o mundo como o fermento leveda a massa. Hoje em dia, no Ocidente, parece ser o mundo a moldar a Igreja, estando a massa a abafar o fermento. Cada vez há menos sacerdotes, religiosos(as), cada vez há menos fiéis. O que é que os primeiros cristãos tinham para oferecer que nós não temos? Talvez autenticidade? Rezemos.

Qua, 11 – S. BENTO, PADROEIRO DA EUROPA (Festa)

Prov 2, 1-9 / Slm 33 (34), 2-11 / Mt 19, 27-29

Que recompensa teremos? (Evang.)

Todos nós andamos à procura de recompensas, nenhum de nós quer fazer um sacrifício que não traga uma compensação. Era assim que Pedro via o seguimento de Jesus; como um sacrifício. E o leitor? O seguimento de Jesus não pode ser um sacrifício. Se o é, é porque alguma coisa está mal. Seguir Jesus é uma grande alegria. Por dentro e por fora. Reze sobre isso e agradeça.

Qui, 12 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Os 11, 1-4.8c-9 / Slm 79 (80), 2ac.3b.15-16 / Mt 10, 7-15

Volte para vós a vossa paz. (Evang.)

Os judeus estavam mesmo convencidos que «a paz» voltava para eles caso as pessoas a quem eles desejavam a paz os tratassem mal. Nós também podemos levar a paz. E as pessoas podem não estar prontas para a receber. Podem, por exemplo, estar a sofrer demais. Então a paz «fica em suspenso» até essa pessoa estar em condições de a absorver. Devemos sempre levar a paz. Nem que seja através de um silêncio solidário. Uma presença silenciosa pode fazer muito. O leitor leva a paz?

Sex, 13 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Os 14, 2-10 / Slm 50 (51), 3-4.8-9.12-14.17 / Mt 10, 16-23

Como ovelhas para o meio de lobos. (Evang.)

Esta frase significa que as forças do mal são muito poderosas e que nós não «lutamos» com as mesmas armas. Jesus enumera-as: prudência das serpentes e simplicidade de pombas. (O que nos faz lembrar a sua mansidão e humildade de coração.) Para o leitor e para mim, põe-se o problema insidioso do poder que as forças do mal têm e de nós podermos não dar por elas. O leitor pare e, com Deus, veja uma força do mal – na sua vida – com a qual tem de lutar. (Hoje?)

Sáb, 14 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Is 6, 1-8 / Slm 92 (93), 1abc-2.5 / Mt 10, 24-33

Não temais os que matam o corpo. (Evang.)

Felizmente, agora não haverá muita (nem pouca) gente a querer matar o nosso corpo. Mas muitas vezes o nosso espírito é morto por uma pressão social fortíssima. Basta sermos a voz mais fraca numa discussão. Normalmente, numa discussão, não se deixa os mais tímidos chegar ao fim dos seus argumentos. Ora pode ser que não consigamos elevar a nossa voz numa discussão, mas devemos saber sempre – isso sim – ter uma opinião para além das modas, que são fortíssimas. Para isso a humildade ajuda muito.

Dom, 15 – Domingo XV do Tempo Comum – Ano B

Amós 7, 12-15 / Slm 84 (85), 9-14 / Ef 1, 3-14 / Mc 6, 7-13

No Evangelho deste domingo vemos Jesus que envia os apóstolos dois a dois. Cada um deles tinha sido chamado pessoalmente para seguir o Senhor. Progressivamente, foram formando uma comunidade, um grupo de pessoas reunidas em torno de Jesus. Era por estarem junto a Ele que formavam uma comunidade. Não eram simplesmente um grupo de amigos, ou um grupo de pessoas que gostam da mesma coisa ou têm simplesmente o mesmo ideal ou a mesma religião, mas havia um *Alguém* em torno do qual se agregaram. Depois de terem sido chamados e depois de terem formado uma comunidade, são agora en-

viados dois a dois a anunciar o que viram e experimentaram.

Também connosco acontece algo semelhante: somos chamados pessoalmente a fazer parte do Corpo de Cristo, aderindo à sua Igreja. Nesta adesão, somos chamados a um conhecimento sempre mais íntimo do Senhor que nos conduz a uma pertença: quanto mais conhecemos Jesus, mais O reconhecemos nos nossos irmãos e, portanto, mais nos ligamos uns aos outros, reconhecendo irmãos e irmãs e formando assim uma comunidade. Quanto mais O conhecemos e quanto mais aumenta em nós o sentido de pertença, mais percebemos que os outros, aque-

les que ainda não conhecem Jesus, precisam de alguém que lhes fale de Deus.

Nem todos somos chamados a ser missionários num país distante, nem todos somos chamados a ser catequistas, leitores ou a cantar no coro da paróquia, mas todos, mesmo todos os batizados somos chamados a anunciar *com a vida* que Jesus está vivo. Por isso, Jesus dá certas indicações aos enviados: devem partir sem levar nada consigo. Isto é: o sucesso do anúncio missionário não depende tanto dos meios que temos ao nosso dispor, mas sobretudo daquilo que nós somos.

A tentação que todos vamos sentindo é achar que nos faltam os meios, que não sabemos o que dizer ou que não temos capacidade para anunciar a Boa Nova, mas aquilo que Jesus nos diz é que o mais importante no anúncio do Reino não está tanto naquilo que se diz, quanto no modo como se vive. E este modo de evangelizar está ao alcance de todos.

Se é verdade que a Palavra de Deus não precisa de nós para ser eficiente, é também verdade que o nosso contratemunho pode anular aquilo que as nossas palavras dizem. No entanto, o nosso comportamento pode revelar que

na nossa vida há Alguém muito importante, que faz de nós pessoas diferentes. Isto significa que somos todos chamados a ser santos. O Papa Francisco, na exortação apostólica *Alegrai-vos e Exultai*, desafia-nos à santidade dizendo que esta está ao alcance de todos. Não é só para homens e mulheres especiais, nem é só para aqueles que vivem em mosteiros ou conventos. Diz o Papa: «por exemplo, uma senhora vai ao mercado fazer as compras, encontra uma vizinha, começam a falar e... surgem as críticas. Mas esta mulher diz para consigo: “Não! Não falarei mal de ninguém”. Isto é um passo rumo à santidade». Outros exemplos de santidade são, por exemplo, o modo como os pais criam os seus filhos «com tanto amor», ou os doentes que continuam a sorrir apesar do sofrimento, as pessoas que deles cuidam ano após ano, os idosos pacificados, todas as pessoas de bem...

Somos todos enviados, não sozinhos, mas como parte do Corpo de Cristo, a anunciar que Ele está vivo. Anunciemo-Lo em primeiro lugar com a vida, no modo como estamos em casa, com a família, no trabalho, descansando ou passeando, e assim, através da nossa vida, se verá quem é o Nosso Senhor.

Seg, 16 – NOSSA SENHORA DO CARMO (Memória)

Is 1, 10-17 / Slm 49 (50), 8-9.16bc-17.21.23 / Mt 10, 34 – 11, 1

Quem ama o filho... mais do que a Mim, não é digno de Mim. (Evang.)

Quantas mães e pais não têm as suas filhas naqueles mosteiros em que falam com elas atrás de umas grades e nunca mais as podem abraçar? Já para não falar nas mães que estão convencidas que Deus lhes levou os filhos. São tudo situações em que Deus veio primeiro. Hoje peçamos por essas mães. Sobretudo por aquelas que perderam filhos e não se conformam e estão zangadas com Deus por causa disso.

Ter, 17 – BB. INÁCIO DE AZEVEDO E CC. MM. (Memória)

Is 7, 1-9 / Slm 47 (48), 2-3b.4-8 / Mt 11, 20-24

Eu vos digo que no dia do Juízo haverá mais tolerância para a terra de Sodoma do que para ti. (Evang.)

Na «recente» Exortação Apostólica do nosso Papa sobre a santidade, o Santo Padre diz que a prática da caridade para com os pobres apaga muitos pecados. Quer dizer, muita tolerância terá quem muito amar os pobres com ações. Não devemos amar por interesse, mas o Papa referia-se àqueles pecados que são muito difíceis de superar. E que, se os não conseguirmos superar, ao menos tenhamos o máximo de caridade para com os pobres, que isso será em desconto dos nossos pecados.

Qua, 18 – BEATO BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES (Memória)

Is 10, 5-7.13-16 / Slm 93 (94), 5-10.14-15 / Mt 11, 25-27

Eu Te bendigo, ó Pai... porque escondestes estas verdades aos... inteligentes. (Evang.)

A salvação é uma questão de empatia com Deus. O cérebro ajuda a que essa empatia não seja irracional, mas no fundo dos fundos é uma ligação visceral que os livros não conseguem dar. Hoje o leitor quiete-se e peça a Deus que esteja para além das palavras. Peça a Deus que lhe dê uma ligação com Ele para além das palavras. Provavelmente não vai sentir nada de extraordinário. Mas essa ligação vai ficar.

Qui, 19 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Is 26, 7-9.12.16-19 / Slm 101 (102), 13-14ab.15-21 / Mt 11, 28-30
Aprende de Mim, que sou manso e humilde de coração. (Evang.)

Jesus era manso e humilde de coração para os que eram mansos e humildes de coração. Era de uma empatia infinita para os que sofriam, para com os pecadores. Também hoje Jesus Se adapta ao leitor pequeno, sofredor e pecador. Jesus ajuda a pessoa a ler as circunstâncias da vida de maneira a aproximar-se cada vez mais d'Ele. Jesus tenta sempre atrair-nos. Assim sejamos mansos e humildes de coração.

Sex, 20 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Is 38, 1-6.21-22.7-8 / Is 38, 10-12.16-17ab / Mt 12, 1-8
O Filho do homem é Senhor do sábado. (Evang.)

Interpretar a lei é difícil. Em matéria de impostos nem se fala. É um jogo do gato e do rato. Qual deve ser a atitude cristã em relação aos impostos? Jesus manda dar a César o que é de César. O leitor dá? Mas dá alegremente? Também não exageremos, não é? Quem é que paga os impostos alegremente? Ao pagarmos impostos, não estamos a contribuir para o bem comum? Hoje o leitor pergunte a Jesus o que é que Ele acha.

Sáb, 21 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Miq 2, 1-5 / Slm 9 (10), 22-25.28-29.35 / Mt 12, 14-21
Não quebrará a cana já fendida. (Evang.)

Esta frase quer dizer que o Salvador vai aproveitar tudo o que há de bom nas pessoas que vai salvar. Assim como nós devemos fazer. Nós, quando lidamos com alguém, temos de ver a sua parte positiva, por muito irritados que estejamos com essas pessoas – e às vezes a irritação é muito grande. Às vezes precisamos de uma grande força de vontade para superar essa irritação. Hoje, a frio, peçamos a Deus essa força de vontade para quando estamos muito irritados.

Dom, 22 – Domingo XVI do Tempo Comum – Ano B

Jer 23, 1-6 / Slm 22 (23), 1-6 / Ef 2, 13-18 / Mc 6, 30-34

No domingo passado, víamos como o Senhor envia os seus apóstolos dois a dois. Depois de os ter chamado pessoalmente, envia-os em comunidade para anunciarem aquilo que viram e viveram, estando com Ele. Tal como os apóstolos, também nós somos enviados a anunciar o Senhor a todos aqueles que conosco caminham ao longo da vida, mas o envio só é verdadeiramente de Cristo se regressamos sempre a Ele. É por Ele que os apóstolos são enviados e, por isso, o envio só está completo no regresso e no encontro com Aquele que envia.

Assim que regressam, depois de terem contado com alegria tudo o que fizeram e viveram, Jesus convida-os a estarem com Ele, dizendo: «Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco». Depois de terem estado a «semeiar» a Palavra, estão agora com Aquele que Se faz Pão.

Aquilo que faz de nós discípulos é estar com o Senhor, aquilo que nos constitui como comunidade é, antes de mais, o estarmos reunidos com Jesus, em Jesus e a Je-

sus. A missão de levar outros até Ele parte d'Ele e leva-nos, também a nós, até Ele. Isto significa que somos todos chamados a encontrar Jesus no concreto da nossa vida, nas nossas relações de amizade, na família, no trabalho e a anunciá-Lo a todos. O mais belo de tudo é que, quanto mais O anunciamos, mais O conseguimos ver à nossa volta e melhor podemos escutar o seu chamado a estar com Ele e a descansar n'Ele.

Quem se deixa confrontar pela Palavra é sempre convidado a entrar mais profundamente no mistério do Amor, que não nos sobrecarrega, mas nos conduz à Paz. Na verdade, é o próprio Senhor quem nos diz: «Vinde a Mim vós que estais cansados e oprimidos que Eu vos aliviarei». Ele bem sabe que a vida nos traz dificuldades e pesos que, por vezes, nos parecem insuportáveis e por isso nos chama a estar com Ele, a entrar com Ele na «terra prometida» que é a vida vivida no amor.

Quem ama, não cansa nem se cansa (S. João da Cruz)!

Seg, 23 – SANTA BRÍGIDA, PADROEIRA DA EUROPA (Festa)

Gal 2, 19-20 / Slm 33 (34), 2-11 / Jo 15, 1-8

Ele [Deus] (...) limpa todo aquele que dá fruto, para que dê ainda mais fruto. (Evang.)

Não é uma maravilha termos Deus a podar os nossos ramos para darmos ainda mais fruto? Claro que numa frase destas podemos ver um Deus despótico de tesoura da poda na mão. Mas não foi este o Deus que Jesus nos veio revelar. Foi um Deus que nos poda com uma delicadeza infinita, com uma paciência imensa, levando-nos ao bom caminho e fazendo com que o pecado vá caindo por si. Claro que com o nosso esforço. Hoje agradecemos a Deus a sua paternidade.

Ter, 24 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Miq 7, 14-15.18-20 / Slm 84 (85), 2-8 / Mt 12, 46-50

Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai... esse é... minha mãe. (Evang.)

Jesus está a dizer-nos que uma relação fiel com Ele é mais importante que a sua relação familiar. Nós temos de estar disponíveis para deixar tudo para O seguir. A qualquer momento, Jesus pode pedir-nos para deixarmos alguma coisa. Pode não ser tudo, no sentido mais radical da palavra, mas é sempre «tudo» o que se interpõe entre nós e Ele. Hoje, o leitor veja o que é que ontem se interpôs entre o leitor e Jesus.

Qua, 25 – S. TIAGO, APÓSTOLO (Festa)

2 Cor 4, 7-15 / Slm 125 (126), 1-6 / Mt 20, 20-28

Os grandes fazem sentir sobre elas [as nações] o seu poder. (Evang.)

Há sempre o poder explícito, mas há formas mais disfarçadas de poder. O poder de dizer uma graça que aparentemente não tem mal, mas fere, ou de dizer mesmo uma graça que fere. O poder de uma grande capacidade de argumentação. O poder de dar presentes caros. O poder de semear a intriga. O poder de pôr as pessoas umas contra as outras. O poder de termos com que nos exhibir, etc., etc. Hoje, o leitor faça um bom exame de consciência.

Qui, 26 – S. JOAQUIM E SANTA ANA (Memória)

Jer 2, 1-3.7-8.12-13 / Slm 35 (36), 6-11 / Mt 13, 10-17

Até o pouco que tem lhe será tirado. (Evang.)

Se tivermos o coração duro à Palavra de Deus, mesmo aquela que possuímos não nos serve de nada porque não a deixamos germinar. É este o sentido daquela frase aparentemente cruel. Deus nunca nos tira o seu amor. Por pequenino que Deus seja no nosso coração, o seu desejo é que O deixemos crescer. Nós é que podemos não O querer lá. Por isso, vejamos onde está o calcário no nosso coração.

Sex, 27 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Jer 3, 14-17 / Jer 31, 10-13 / Mt 13, 18-23

Ao chegar a tribulação... sucumbe logo. (Evang.)

O semeador também pode ir buscar uma semente entre espinhos para a pôr em terra boa. Mas magoa-se. É o sacrifício que nós podemos fazer pelos nossos irmãos, para que eles deem fruto. Às vezes, a semente não tem muito desejo em sair daquele buraquinho porque ao sair se pode magoar nos espinhos. São os nossos amigos feridos que não querem que se lhes fale de Deus porque não se querem magoar mais. Temos de os acompanhar ao ritmo deles e levá-los para Deus. Falemos nisso ao Espírito Santo.

Sáb, 28 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Jer 7, 1-11 / Slm 83 (84), 3-6a.8a.11 / Mt 13, 24-30

Donde vem então o joio? (Evang.)

O joio são as nossas más tendências quando as deixamos crescer. Deus deixa-as crescer porque nos respeita. Nós, é ao contrário, porque nos respeitamos, não as podemos deixar crescer, senão o joio abafa o trigo. Mas às vezes o joio é do mesmo tamanho do trigo e a batalha é renhida. Estamos divididos entre o bem que queremos fazer e o prazer que o mal nos dá. Hoje peçamos a Deus inteligência para esses momentos.

Dom, 29 – Domingo XVII do Tempo Comum – Ano B

2 Re 4, 42-44 / Slm 144 (145), 10-11.15-18 / Ef 4, 1-6 / Jo 6, 1-15

Neste domingo, a liturgia desafia-nos a meditar em Jesus que Se faz pão para cada um de nós. Em cada Eucaristia, somos convidados a *comer* o Senhor, isto é, a fazer d'Ele alimento para a nossa vida: Deus que Se faz o nosso *Pão de cada dia*.

No Evangelho vemos como Jesus tem consigo uma grande multidão e pede a Filipe que lhes dê *pão* para os alimentar, mas Filipe não sabe «de onde» poderá vir tanto pão para alimentar aquela multidão reunida em torno do Senhor. Na verdade, trata-se de um pão que este discípulo ainda não compreendeu o que é, tal como a mulher samaritana que não tinha compreendido «de onde» poderia vir a água que Jesus lhe estava a oferecer, ou Nicodemos que afirma que não se sabe «de onde» vem o vento, ou ainda o chefe de mesa das bodas em Canaã, que não sabe «de onde» veio aquele vinho bom, o vinho melhor, deixado para o fim. Jesus está a falar de um outro pão, que sacia e dá vida, que se pode comer sem ter dinheiro e sem despesa.

Jesus revela-nos que Pão é este que nos dá a Vida, a Vida realizada, em que se bebe o «vinho bom», em

que se recebe o «vento» do Espírito Santo, em que se bebe a «água viva» e que nos permite viver em Amor. É Jesus este Pão, o Filho que Se dá por Amor, aquele cuja carne comemos e cujo sangue bebemos para que a nossa vida seja comunhão, tal como a vida de Deus.

Todos os evangelistas relatam a multiplicação dos pães, cada um sublinhando um pormenor diferente, mas todos interpretam este episódio da vida de Jesus em chave eucarística: o pão que se divide por todos e que nunca se acaba representa o corpo de Jesus que Se oferece por nós. A Eucaristia, *fonte e cume da vida cristã*, é o modo de vida de Jesus. Foi assim que Ele viveu até ao fim, fazendo de Si mesmo o nosso alimento, dando-Se sem medida.

Nesta passagem há um jogo de palavras com a palavra «pão»: esta palavra tem um significado comum que todos compreendemos imediatamente, mas tem um segundo sentido, um sentido simbólico que precisamos descobrir. Uma das coisas que nos distingue dos animais é a nossa capacidade de ler simbolicamente a realidade. A alimentação, por exemplo,

pode ser vista como sendo só para a sobrevivência do indivíduo, mas bem sabemos que é mais do que isso: um almoço de família é bem mais do que a comida que comemos! Não comemos simplesmente para garantir que permanecemos vivos, mas são momentos em

que damos vida uns aos outros. Na verdade, àqueles que se isolam e ficam sozinhos, mesmo comendo, a vida escapa-lhes. É assim com a vida e com o amor: aquilo que não partilhamos com os outros, perde-se!

Seg, 30 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Jer 13, 1-11 / Deut 32, 18-21 / Mt 13, 31-35

Proclamarei verdades ocultas desde a criação do mundo. (Evang.)

Jesus falava em parábolas cujo significado explicava aos amigos. Ainda hoje, Jesus diz-nos muitas coisas ocultamente, que depois nos clarifica em particular, se nós quisermos. Jesus fala-nos através dos acontecimentos, através do que lemos e ouvimos, através das nossas relações. E quanto mais amigos d'Ele formos, mais essas coisas se nos tornarão claras, porque mais habituados estaremos a esses diálogos. Caro leitor, o que é que Jesus lhe disse ontem? Ou anteontem?

Ter, 31 – SANTO INÁCIO DE LOIOLA (Memória)

Jer 14, 17-22 / Slm 78 (79), 8-9.11.13 / Mt 13, 36-43

Naquele tempo, Jesus deixou a multidão e foi para casa. (Evang.)

Jesus foi para casa mas os discípulos não O largaram. Queriam saber o sentido de uma parábola. O trabalho veio com Jesus para casa. Hoje peçamos a Jesus a graça de separarmos o trabalho e a nossa casa. É bom não sobrecarregarmos os de casa com as preocupações do nosso trabalho, mas também é bom os de casa não nos culparem por isso. Saibamos amar-nos reciprocamente.